



## A NOÇÃO DE FACE SOB A PERSPECTIVA DE GOFFMAN

Ester Junia da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Para compreender a noção de face ter-se-á como base os estudos de Goffman (2011), para quem a face não é um construto individual, ou o produto de um sujeito voluntarista que, consciente de suas ações, pode agir estrategicamente sobre o outro para alcançar seus objetivos. Diferente disso, para ele, a face está na fronteira entre o eu e o outro. Para maior entendimento do tema, neste trabalho, estabelecer-se-á uma relação entre a face, conceito definido por Goffman e o *ethos*, destacado por Aristóteles, pois acredita-se que há uma relação entre as noções apresentadas que podem contribuir para ampliar a definição do conceito e ser útil a este estudo, análise da entrevista do jogador Thiago Silva, zagueiro da seleção brasileira que ficou afastado, supostamente, pelo comportamento na Copa do Mundo, ser capitão da equipe, lugar ocupado pelo jogador que exerce um papel de liderança e deve ser, de algum modo, uma referência para o grupo, mas, mesmo ocupando esse lugar, recusa-se a bater um pênalti, em um momento em que a seleção precisava da vitória para avançar na competição. A escolha do objeto de análise foi motivada pelo fato de ser um tema atual e por entender-se que, por meio da entrevista, é possível observar o trabalho de face do jogador, que auxilia na compreensão das noções destacadas, especialmente, por Goffman, de grande relevância para os estudos linguísticos. Pelo estudo também será possível estabelecer um paralelo com a retórica clássica que também poderá colaborar com a análise do objeto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interação. Face. Discurso.

## THE NOTION OF FACE UNDER GOFFMAN'S PERSPECTIVE

**ABSTRACT:** To understand the notion of face, we will base the studies of Goffman (2011) that will aid in the understanding of our object of analysis. For the author, the face is not an individual construct or the product of a voluntarist subject who, conscious of his actions, can act strategically on the other to achieve his goals. Other than that, for him, the face is on the border between self and other. For a better understanding of our object of analysis, in this work we will establish a relation between the face, concept defined by Goffman and the *ethos* emphasized by Aristotle, because we believe that there is a relation between the presented notions that can contribute to broaden the definition of the concept and to be Useful in our study, analysis of the interview of player Thiago Silva, defender of the Brazilian national team who was supposedly away from the behavior in the World Cup, to be captain of the team, place occupied by the playing that plays a leading role and should be, of Somehow a reference to the group, but even occupying this place, refuses to hit a penalty at a time that the

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística - Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Doutoranda em estudos linguísticos com ênfase em análise do discurso da inovação tecnológica pela UFMG Email: ester.junia@yahoo.com.br



team needed the victory to advance in the competition. The choice of the object of analysis was motivated by the fact that it is a current theme and because we understand that through the interview it is possible to observe the work of play that helps in understanding the notions highlighted, especially by Goffman, which are of great relevance to the Language studies. Through the study will also be possible to establish a parallel with the classical rhetoric that can also collaborate with the object analysis.

**KEYWORDS:** Interaction. Face. Discourse.

## A FACE PARA GOFFMAN

Antes de tudo, vale destacar que Goffman (2011) define a face como sendo o “[...] valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha de conduta que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular”. (p. 13-14)

Desse modo, de um lado, a face é como o sujeito deseja que o outro o veja, ou são os atributos sociais considerados positivos, entre eles: o orgulho, a honra e a dignidade que ele deseja que o outro veja nele. Portanto, a face pode ser entendida como um valor social positivo, ou socialmente adequado e prestigioso que o orador reivindica para si.

Entretanto, a face depende da forma como determinado público entende a linha de conduta desempenhada por determinado sujeito. Desse modo, é possível dizer que a face é dependente da impressão que o público tem acerca de determinado sujeito, a partir da forma como esse mesmo sujeito age. Assim, a face pode ser entendida como uma construção intersubjetiva e, por isso, possui uma dimensão interacional.

A partir dos estudos de Goffman (2011, p. 14), entendemos que “[...] a fachada (face) é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados”. Essa definição aponta para uma dimensão social da face, já que a face é conceituada como atributos aprovados pela comunidade a que os interlocutores pertencem e, não, por indivíduos.

Diante disso, vale ressaltar que a face não é algo inerente à pessoa ou à sua essência. De algum modo, essa dimensão social/institucional torna a face algo emprestado da sociedade, como será proposto por Goffman (2011).

Para maior compreensão da perspectiva de Goffman acerca da face, é preciso discorrer sobre a noção de “linha” desenvolvida pelo autor. Para ele, em todo encontro, face a face, ou mediado, as pessoas desempenham uma linha, um padrão de atos verbais e não



verbais com o qual o sujeito expressa sua opinião sobre a situação; assim sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria.

Para o autor (2011), a linha que se segue em uma interação possui uma natureza institucional. A linha mantida por e para a pessoa, durante o contato com outros, tende a ser de um tipo institucionalizado legítimo.

Sendo assim, sob essa óptica, dependendo do ambiente em que os sujeitos estão situados e dos papéis sociais que assumem na interação, são levados, conscientemente ou não, a agir de determinada forma, desempenhando uma linha mais ou menos condizente com essa forma de agir.

Os estudos de Goffman (2011) acerca da face também envolvem o trabalho de face (face work), que diz respeito às ações corretivas ou reparadoras que tentam neutralizar incidentes ou eventos, cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a face. Essa noção é importante para nos auxiliar na compreensão da noção de face apresentada pelo autor e também colabora para maior compreensão do nosso objeto de análise, na medida em que nos ajuda a compreender os mecanismos envolvidos no discurso para proteção da face do sujeito.

O autor (2011) reforça que a noção de “face work”, assim como as faces disponíveis para um sujeito assumir, num dado encontro, são predispostas pela natureza convencional/institucional desse encontro; já os modos adequados para o sujeito preservar a face não são aleatórios, eles também são regulados socialmente. Para ele, mesmo que alguém empregue ações para salvar sua fachada e não conheça todas as consequências delas, elas, frequentemente, se tornam práticas habituais e padronizadas, são como jogadas tradicionais num jogo, ou passos tradicionais numa dança. Assim, pessoas, culturas e sociedade podem ter seu próprio repertório característico de práticas para salvar a fachada.

A partir desse direcionamento, é importante destacar, ainda, o processo de “evitação” no qual se evitam contatos em que seria possível que ameaças ocorressem, como define o autor (2011). Para tanto, as medidas defensivas são: evitar determinados tópicos, mudar de assunto, modéstia, autocrítica, entre outros.

Com essa mesma proposta, podemos, ainda, destacar as manobras protetoras e são elas: comportamento respeitoso, cerimonioso e discreto, emprego de circunlóquios, rodeios, “vista grossa diplomática” e também o processo corretivo no qual se busca corrigir ou mitigar os efeitos de evento difícil de ser ignorado e incompatível com os valores sociais reivindicados num determinado encontro.



E, por fim, podemos dizer, com base nos estudos de Goffman (2011), que as atitudes tomadas para salvar a face não são decorrentes de decisões puramente individuais, mas são práticas habituais e padronizadas e, por isso mesmo, compõem um repertório para escolha ou uma matriz de possibilidades convencionais.

Diante das definições propostas por Goffman (2011), acreditamos ser possível associar a sua perspectiva ao pensamento aristotélico acerca do *ethos*. Para Aristóteles, as provas fornecidas pelo *discurso* distinguem-se em três espécies: “[...] umas residem no caráter moral do orador; outras, no próprio *discurso*, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar”. (ARISTÓTELES, 1964, p. 22).

Portanto, a partir desse olhar, discorreremos, brevemente, acerca da noção de *ethos* na retórica clássica, para estabelecer um paralelo com os estudos de Goffman (2011) e, assim, desenvolver uma análise, a partir do direcionamento dos dois autores, pois entendemos ser estudos complementares e que a junção das duas perspectivas pode contribuir para uma visão abrangente do nosso objeto de análise.

## O ETHOS PARA ARISTÓTELES

Antes de tudo, vale destacar que, para Aristóteles (2005), persuade-se pelo caráter, quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé, pois o público tende a acreditar mais rapidamente em pessoas honestas. Assim, o caráter pode ser considerado o principal meio de persuasão (*ethos*). Para ele, persuade-se, também, pela disposição dos ouvintes, quando eles são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos emitidos pelo público variam conforme ele sente tristeza ou alegria, amor ou ódio (*pathos*). E, por fim, persuade-se pelo raciocínio, quando se mostra a verdade, ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo, em cada caso particular, por meio da demonstração (*logos*).

Portanto, sob o ponto de vista de Aristóteles (2000, p.3), não é suficiente pensar apenas no discurso, a fim de que ele seja demonstrativo e digno de fé, pois também importa muito para a persuasão que o orador “[...] se mostre sob certa aparência e faça supor que se acha em determinadas disposições a respeito dos ouvintes e, além disso, que estes se encontrem em semelhantes disposições a seu respeito”.



Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança. As pessoas de bem inspiram confiança mais eficazmente e mais rapidamente em todos os assuntos, de um modo geral; mas nas questões em que não há possibilidade de obter certeza e que se prestam a dúvida, essa confiança reveste particular importância. É preciso também que este resultado seja obtido pelo discurso sem que intervenha qualquer preconceito favorável ao caráter do orador. (ARISTÓTELES, 1964, p. 22-23)

De acordo com Aristóteles (1964), a Retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão. Para ele, nenhuma outra arte possui esta função, porque as demais artes têm, sobre o objeto que lhes é próprio, a possibilidade de instruir e de persuadir, mas a Retórica parece ser capaz de, por assim dizer, no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir.

Sendo assim, a partir das definições apresentadas, com base nos estudos de Goffman (2011) e Aristóteles, desenvolveremos a nossa análise acerca das faces, com o propósito de aplicar os conceitos apresentados em nosso objeto de análise.

## **A CONSTRUÇÃO DO ETHOS E O TRABALHO DE FACE**

A escolha do nosso objeto de análise foi motivada, especialmente, por ser um tema atual e, principalmente, por ser possível observamos, com maior ênfase, o trabalho de face, como pontuamos anteriormente.

Neste trabalho será analisada a entrevista que o jogador de futebol, Thiago Silva, concedeu ao programa de TV “Esporte Espetacular” e que também foi publicada no site do programa<sup>2</sup>. Entre os diversos assuntos abordados, podemos destacar, especialmente, a atuação do jogador na Copa do Mundo de 2014, amplamente criticada pela mídia, mas não apenas a sua atuação como jogador, mas, especialmente, a postura como capitão da seleção brasileira.

Como é típico nos textos jornalísticos, acreditamos que o propósito é despertar interesse do público, já no primeiro momento, ou seja, no título, ou na primeira chamada. Acreditamos que a abordagem de assuntos considerados polêmicos é uma forma de atrair o

---

<sup>2</sup><http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2016/09/thiago-silva-se-emociona-com-volta-selecao-e-diz-nao-pensar-em-dunga.html>



público, como o fato de o técnico ter se recusado a convocar Thiago Silva, após a Copa do Mundo perdida no Brasil.

Thiago Silva emociona com volta à Seleção e diz não pensar em Dunga. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Assim como no título, no subtítulo, também entendemos que há uma tentativa de atrair o público; observamos uma tentativa de emocionar o leitor, ao citar os filhos, quando o tema da convocação é abordado.

Zagueiro revela que não sabia como falar aos filhos por que estava fora das listas, relembra lances polêmicos com a amarelinha e conta como recebeu telefonema de Tite. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

O texto é iniciado com a descrição dos sentimentos do jogador: aliviado, empolgado e realizado. Ainda é pontuado que o jogador “abriu o coração” e não fugiu de nenhum tema. Acreditamos que, embora o texto jornalístico busque a imparcialidade, haverá, de algum modo, uma colaboração para a construção da face do jogador, especialmente, ao destacar seus sentimentos. Também se destaca uma possível “revelação” do jogador e entendemos que todos esses mecanismos visam atrair o leitor e despertar interesse pela leitura.

Aliviado. Empolgado. Realizado. Qualquer um dos sentimentos pode definir como o zagueiro Thiago Silva recebeu a reportagem do Esporte Espetacular em Paris, na última quarta-feira. E tudo isso porque o seu nome voltou a figurar na lista de convocados da seleção brasileira para os próximos jogos da equipe, contra Bolívia e Venezuela, pelas eliminatórias da Copa de 2018, na Rússia. Um dia antes de completar 32 anos, o defensor do Paris Saint-Germain abriu o coração. Não fugiu de nenhum tema, fez uma revelação ao lembrar a pergunta que mais ouvia no período de mais de um ano longe da seleção brasileira (SITE GLOBO ESPORTE, 2016).

A matéria destaca alguns fragmentos da entrevista que podem ser de interesse do público para, de algum modo, motivá-lo a continuar a leitura. Como é destacado no trecho abaixo:

- Por que você está na seleção da Fifa, melhor (zagueiro) do mundo três anos seguidos, e não está na seleção brasileira? Sinceramente, era difícil explicar. E o mais difícil era explicar pros meus filhos que o pai deles não estava na seleção brasileira. Sempre que eu via um jogo da Seleção, eles perguntavam:



pai, por que você não está lá? E você não poder responder. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Acreditamos que haverá uma tentativa de demonstrar ineditismo, também uma característica comum no jornalismo, pois a notícia pressupõe novidade, portanto, divulgar algo novo também pode ser uma estratégia para atrair o público.

O fato de o jogador não haver concedido entrevistas para veículos brasileiros há mais de um ano é destacado, para reforçar esse caráter inédito da entrevista. Também é pontuada a fala do jogador de que não conceder entrevistas foi um mecanismo de “autodefesa” e, assim, o jogador indica que teve sua face atacada e ficar em silêncio foi uma forma de se defender, como observamos no trecho abaixo.

Thiago não dava entrevistas exclusivas para veículos do Brasil há mais de um ano. Nem ele lembrava-se da última. Afirmou que foi “auto defesa”<sup>3</sup> ficar sem falar, principalmente depois que passou a ser preterido por Dunga, ex-treinador da Seleção. E o caminho rumo ao retorno, o defensor do PSG lembra-se muito bem. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Quando o jogador diz não saber explicar o motivo de estar fora da seleção, entendemos que ele protege sua face e se mostra uma pessoa sem culpa; como alguém que sofre uma injustiça, ele não sabe por qual motivo está sendo, de algum modo, punido. Ele ainda ressalta que o toque de mão que contribuiu para a eliminação do Brasil, na Copa América, não contribuiu para ter ficado fora da seleção e destaca que não foi convocado, injustamente, e minimiza o erro. Desse modo, observamos que ele protege a sua face e transfere a responsabilidade por sua eliminação da seleção para um outro.

Thiago Silva não sabe explicar quais os motivos levaram o ex-treinador do Brasil a deixá-lo fora das listas. Não crê, inclusive, que o toque de mão que ajudou o Brasil a ser eliminado da Copa América de 2015, em duelo contra o Paraguai, pelas quartas de final do torneio, tenha sido fundamental para tal situação. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Podemos observar o trabalho de face do jogador, quando ele afirma não guardar mágoa do técnico, Dunga, pelo fato de não convocá-lo e, dessa forma, ele se mostra humilde e capaz de perdoar quem, possivelmente, lhe faz algum mal. Embora ele indique o sofrimento

---

<sup>3</sup> Foram incluídos alguns grifos nos trechos da entrevista analisada para destacar os pontos que acreditamos ser destaque na análise.



por ser punido e ter ficado longe da seleção e, ainda, transfira a culpa para o outro, ele diz não guardar mágoa. Ao dizer que nem pensava em Dunga e que não depende dele para ser feliz, entendemos que o jogador se mostra forte e também profissional, incapaz de se deixar abalar por um problema de relacionamento. Ele ressalta que depende apenas de Deus e da família, valores recorrentes na sociedade brasileira, e, dessa forma, estabelece uma identidade com o público. O jogador também ressalta que não se importa com o que passou e que não deseja mal para o técnico e, assim, observamos que ele, novamente, busca construir uma imagem de pessoa tranquila, humana, incapaz de desejar mal a alguém, mesmo que seja alguém que lhe tenha ofendido.

O zagueiro afirmou ainda não guardar mágoa de Dunga. Mas ao ser questionado sobre o que vinha em sua cabeça ao lembrar do comandante, o defensor afirmou: Não penso. Não tem que pensar porque eu não dependo dele pra ser feliz. Dependo apenas de Deus, da minha família me ajudando. É uma coisa do passado. Não desejo mal para ele. Espero que Deus possa abençoá-lo e que ele possa ter cada vez mais felicidade. Mas eu procuro não pensar. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

A família é um tema recorrente na entrevista e, no trecho abaixo, o jogador destaca o fato de ser aniversário da esposa, e acreditamos que abordar temas de sua vida privada pode ser uma maneira de atrair a atenção dos leitores e, ainda, pode ser considerado um recurso para construção de face.

Na entrevista, que também serviu para comemorar o aniversário com a esposa Isabella e com os filhos Isago e Iago, Thiago Silva falou ainda sobre não ter sido liberado pelo Paris Saint-Germain para as Olimpíadas e dos motivos que o levaram a não cobrar o pênalti contra o Chile, nas oitavas de final da Copa do Mundo de 2014. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Ao responder sobre os jogos olímpicos, o jogador busca enfatizar que foi convocado e destaca que a convocação seria uma oportunidade de retornar à seleção brasileira e demonstrar, assim, que reconhece suas falhas, mas que pretendia aproveitar uma nova oportunidade para modificar a imagem negativa construída.

Ao descrever sua rotina e falar de sua vida privada, Thiago Silva se mostra uma pessoa comum, com cotidiano agitado, com pouco tempo, que dorme tarde e que tem sensibilidade para saber quando algo está para acontecer, como receber uma ligação desejada. Também nesse ponto ele demonstra ser comum, quando destaca “[...] sabe quando você sente



alguma coisa” e, assim, mostra que esse “sentir” é comum a outras pessoas também. Entendemos ser uma forma de estabelecer, de algum modo, um diálogo com o público.

Portanto, é possível dizer que o jogador procura construir uma face positiva de si e mostrar ser pessoa comum, que está sujeita aos erros, dificuldades, desafios e emoções.

Era uma e meia da manhã já, eu estava na cama, prestes a dormir, mas sempre com um pensamento. Sabe quando você sente alguma coisa, você fala: alguém vai me ligar, vai me ligar. E o telefone tocou. Era o Micale (Rogério, treinador da seleção olímpica). Passei a noite em claro, pensando, já comecei a mandar mensagem pro presidente. Poxa presidente, eu preciso ir, essa é minha oportunidade de voltar pra seleção brasileira, enfim. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Sobre o afastamento do jogador da seleção brasileira, ele responde buscar proteger a sua face, ao tentar demonstrar que não é culpado por ter sido afastado por um longo período de tempo.

Sendo a face um valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma, por meio da linha de conduta que os outros pressupõem que ela assumiu, durante um contato particular e seus atributos sociais, é possível dizer que o jogador busca mostrar que é uma pessoa com falhas, mas ressalta que os erros cometidos por ele podem ser cometidos por qualquer outra pessoa e não o desqualificam como jogador. Acreditamos ser essa a face que ele deseja que o público veja. Ele busca demonstrar honra e dignidade para que o público associe a ele valores sociais positivos. Como propõe Aristóteles (2005), persuade-se pelo caráter, quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé, pois o público tende a acreditar em pessoas honestas. Assim, o caráter pode ser considerado o principal meio de persuasão.

Entretanto, é preciso ressaltar que a face não dependerá apenas do esforço do próprio jogador. Esse trabalho também depende da forma como o público entende a linha de conduta desempenhada por ele, ou seja, essa face é dependente da impressão que o público construirá sobre ele, a partir da forma como ele age; assim, entendemos que a construção da face é interacional.

Quando Thiago Silva ressalta que todos os jogadores de futebol estão sujeitos ao erro, por se tratar de seres humanos, ele se inclui nesse grupo, ao utilizar o pronome “nós”. Acreditamos que ele minimiza, quando diz que o erro não é próprio dele, mas pode ser cometido por qualquer jogador. Entendemos, ainda, que será uma tentativa de demonstrar “humanidade”, uma forma de diminuir a distância entre o jogador e o público, criar uma



espécie de identificação com o público, ao se mostrar igual a ele; assim, a tendência é o público se reconhecer no jogador, ao observar que ele também tem uma rotina de trabalho intenso, que erra e sofre com isso. E, ao dizer “você erra”, ele compartilha com o público e o envolve, buscando incluí-lo em uma situação que pode ser comum a todos.

Observamos, ainda, que o jogador busca também mostrar que não é responsável por não estar na seleção e atribui a culpa aos fatores externos; dessa forma, ele protege a sua face e busca construir uma face de bom jogador.

E, acreditamos que, para se mostrar popular, o jogador cita um ditado popular, “colocar uma pedra em cima”, que representa esquecer determinado assunto e, ao dizer isso, entendemos ser uma forma de enviar uma orientação para o público fazer o mesmo. Podemos dizer, ainda, que é uma forma de evitar falar mais sobre o assunto na entrevista, indicar que aquele é um assunto encerrado.

Não acredito, sinceramente não acredito porque todos nós que jogamos futebol, no esporte coletivo, você tem erros, é normal, somos seres humanos, você erra. Falar pra você que fiquei fora por aquele toque de mão, não acredito que tenha sido. Mas sim por outros fatores que agora não me importam saber porque já é passado. Agora é colocar uma pedra em cima para esquecer. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Observamos que o jogador busca demonstrar sensibilidade e tocar, de algum modo, o sentimento dos telespectadores e leitores, ao dizer que estar fora da seleção era uma questão que não encontrava resposta para os filhos.

Entendemos que a face tem uma dimensão social, pois ela é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados pela comunidade à qual os interlocutores pertencem e, não, pelo indivíduo por si só, ou seja, face é um empréstimo da sociedade, e acreditamos que essa será a motivação do jogador para interagir com o público e construir o seu *ethos*.

Sendo assim, podemos dizer que o jogador buscará construir sua face com base nesses valores já consolidados na sociedade, como observamos abaixo. No fragmento em questão vemos que o jogador procura se mostrar uma pessoa fiel, leal e patriota, ou seja, constrói um *ethos* de pessoa confiável e, assim, procura transmitir credibilidade. Para demonstrar seu sentimento com o fato de não fazer parte da seleção; ele cita os filhos, o que



também é um valor já consolidado na sociedade e, assim, também, busca tocar os sentimentos do público e criar identificação.

Ao dizer que muitas pessoas próximas a ele pediram para ele recusar eventuais convites à seleção brasileira, entendemos que busca mostrar que as pessoas observaram seu sofrimento de perto e foram solidárias à situação enfrentada por ele e lhe davam razão. Entretanto, o jogador afirma que não faria isso “nunca” e, assim, indica um gesto de bondade e lealdade. Ao fazer uma pergunta retórica: Por que você está na seleção da Fifa como melhor (zagueiro) do mundo e não está na seleção brasileira? E ele afirma ser difícil explicar e demonstra que a decisão do técnico de não o convocar não tinha fundamento, já que ele é reconhecido por ser o melhor zagueiro do mundo e, dessa forma, protege sua face das acusações de não ser um bom jogador e constrói um *ethos* de bom jogador, pois tem reconhecimento mundial.

Ao se referir aos filhos, é possível entender que o jogador busca tocar os sentimentos do público, ao demonstrar como a situação afetava sua família e utiliza o discurso do outro, para reforçar essa situação e, também, dar veracidade à sua fala.

Muitas pessoas. Inclusive, pessoas próximas chegaram a conversar comigo sobre um possível deixar a seleção brasileira. Falei: "isso eu não vou fazer nunca. Não vou fazer nunca isso. Por mais que seja difícil estar fora, eu nunca vou fazer". Falar: "A partir de hoje eu não jogo mais com a camisa da Seleção. Isso eu não faço". É diferente de um treinador te deixar fora, outra é você falar que não quer mais. Nunca passou pela minha cabeça. Por que você está na seleção da Fifa, melhor (zagueiro) do mundo três anos seguidos, e não está na seleção brasileira? Sinceramente, era difícil explicar. E o mais difícil era explicar pros meus filhos que o pai deles não estava na seleção brasileira. Sempre que eu via um jogo da Seleção, eles perguntavam: pai, por que você não está lá? E você não poder responder. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Ao abordar a questão da recusa em cobrar o pênalti, o jogador também se defende e atribui a atitude à falta de confiança, em função de uma má fase no Paris San German (PSG), time francês em que o jogador atua.

No trecho abaixo observamos o trabalho de face (face work) do jogador, pois ele busca ações corretivas, ou reparadoras, objetivando neutralizar incidentes, ou eventos, cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a sua face naquele momento. É possível dizer ainda que há, de algum modo, um processo de evitação, pois ele evita contatos que representam ameaças a sua face. Ele busca responder e liquidar a pergunta, para evitar se alongar em um



assunto que não é positivo para sua face. Pela mudança de assunto, modéstia, autocrítica, observados em vários fragmentos da entrevista é possível associá-los à evitação.

O jogador explica o motivo de ter recusado bater o pênalti, sendo capitão do time, com o propósito de convencer o público de que havia uma boa motivação para a recusa, e o faz pela indicação de números, quando cita que ele perdeu cinco e converteu um pênalti em gol. Dessa maneira, entendemos que ele busca construir, novamente, um *ethos* de pessoa confiável e responsável, pois não colocaria o time em risco, sabendo que ele estava em uma fase ruim, ou seja, a atividade foi uma forma de evitar prejudicar o time. O jogador também demonstra que o fato de não ter cobrado o pênalti não é uma culpa sua; ele afirma que foi falta de confiança, algo a que todos estão sujeitos. Ele indica que os fatores externos foram responsáveis por essa falta de confiança e cita a eliminação de duas copas. O jogador também demonstra que não foi uma situação problemática para ele, e a situação não causou constrangimento com o técnico, pois ele até “brincou com o Felipão” sobre a cobrança. Ele admite que não foi uma situação fácil, mas não queria assumir a responsabilidade por mais um erro. Para desconstruir essa face de jogador que foge da responsabilidade, ele afirma que hoje ele aceitaria bater o pênalti e assume que precisa melhorar, ao dizer que tem treinado esse tipo de cobrança, entretanto, ele destaca que os treinos são para melhorar a confiança e, não, por uma falha que ele deve trabalhar para ser resolvida.

Os meus últimos cinco pênaltis (antes da Copa) no PSG, eu fiz o primeiro e perdi os outros quatro. Sendo eliminado de duas Copas aqui e eu não estava com a confiança pra bater. Lembro até que brinquei e falei com o Felipão: bato depois do Júlio César. Ele está com mais confiança do que eu. Mas não era o simples fato de chegar lá e, como capitão, se esconder, de nenhuma maneira. Eu não posso assumir uma coisa que eu esteja sem confiança e jogar tudo por terra. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Hoje eu aceitaria, hoje eu aceitaria, cobraria o pênalti. Sempre nos finais dos treinamentos eu estou procurando bater uns pênaltis pra ir pegando confiança. Se eu não treinar vou estar sem confiança sempre. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Perguntado se aceitaria ser capitão, novamente, ele busca reforçar sua imagem de líder e demonstrar confiança, ao repetir, duas vezes, a palavra “aceitaria”. Ele retoma o fato de não ser mais o capitão e diz que não é por esse motivo e ainda se mostra humilde, quando diz



que, se não conseguisse a oportunidade de ser capitão novamente, não haveria problema algum.

Nesse fragmento, observamos que há um processo corretivo no qual busca corrigir ou mitigar os efeitos de ser capitão de um time e ter recusado bater pênalti em uma partida importante.

Ao citar todos os técnicos que o nomearam como capitão, entendemos que ele busca mostrar que não é um acaso ele ter sido capitão da seleção, pois ele já foi capitão várias vezes, ao longo da carreira de jogador de futebol, ou seja, seu reconhecimento parte de vários técnicos e, portanto, não pode ser questionado.

Aceitaria, aceitaria. Não é que aconteceu a situação que todos sabem da faixa, mas aceitaria sem problema nenhum e se não tiver que ser também não tem problema nenhum. Nunca cobrei de nenhum treinador essa situação. Ancelotti, Allegri, Leonardo, Blanc, Mano, Felipão... Foram situações que foram acontecendo ao longo da minha caminhada. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Ao ser indagado sobre o fato de chorar, após uma eliminação da seleção brasileira, o jogador também busca proteger sua face, dizendo ser exigente e rigoroso com seus erros e usa a fala do outro para reforçar a sua.

No fragmento abaixo observamos que o jogador busca mostrar que é uma pessoa exigente consigo mesmo, perfeccionista, que são atributos valorizados na sociedade atual. Porém, ele afasta a imagem de uma pessoa desequilibrada emocionalmente, ao dizer que não estava em depressão e que não havia problemas emocionais que o desestabilizassem no final da partida perdida. Isso ocorre pelo fato de, em alguns ambientes em que os sujeitos estão situados e dos papéis sociais que assumem, na interação, serem levados, conscientemente ou não, a agir de determinada forma, desempenhando uma linha mais ou menos condizente com essa forma de agir. O estranhamento do choro do jogador ocorreu pelo fato de não ser algo convencional em uma equipe de futebol, ou seja, não estava de acordo com o esperado pelo público. Portanto, entendemos que ele busca dizer que faz o que se espera dele, como um bom jogador de futebol, como capitão de uma equipe, sendo forte, decidido e equilibrado emocionalmente, ou seja, é a linha seguida, como propõe Goffman (2011), é como se espera que um jogador de futebol se comporte.



O jogador responde sobre a possibilidade de estar em depressão, durante o jogo, em que ele recusou bater o pênalti, dizendo que não teria “problema de cabeça”; é uma maneira mais popular e, talvez, assim, ele busca reduzir o peso da depressão para uma figura pública, especialmente, para um jogador de futebol. O fato de atribuir essa informação a um desconhecido, possivelmente, da mídia francesa, ele busca atenuar a questão e pode-se entender que, por ter saído em um veículo francês, pode ter havido um erro de interpretação na tradução do português para o francês. E, para reforçar a afirmação de que não sofre com depressão, o jogador ressalta que joga em um dos maiores clubes do mundo, tem uma família feliz e, portanto, não haveria motivos para ter depressão, e um jogador depressivo não teria condições de jogar em um dos maiores clubes do mundo. Ele ainda busca justificar o fato de, possivelmente, ter sido mal interpretado, ao dizer que se cobra muito e, novamente, utiliza o discurso do outro para, possivelmente, dar credibilidade ao próprio discurso, ao destacar a fala da esposa sobre seu hábito de rever os jogos para corrigir erros.

Observamos, ainda, que, para dizer que sentiu muito o fato de ter errado e contribuído para um mau resultado do time, ele diz que não teve coragem de rever os jogos nos quais se atribuiu a ele a derrota e entendemos que, dessa forma, ele busca captar a atenção do público, demonstrando seus afetos para, assim, mostrar ser uma pessoa comum e que também sentiu com o próprio erro e com a derrota do time.

Em nenhum momento eu tive problemas de cabeça como saiu, alguma entrevista que eu dei aqui na França saiu depressão, nunca tive depressão, jogo num dos maiores clubes do mundo, tenho a maior família do mundo pra mim. Sou um cara que me cobro muito. Minha esposa até fala: você é muito chato, chega do jogo e vai ver novamente para saber se errou. Eu sou assim. E eu não tive coragem de olhar o jogo contra o Paraguai, e nem contra o Chelsea, por causa do meu erro. (SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Quando aborda o fato de ter um cartão nas quartas de final da copa, o jogador também se defende, ao dizer que a culpa não pode ser atribuída a ele.

Entendemos que a atitude tomada de reconhecer o erro, no caso de um cartão considerado por ele como “bobo”, para salvar a face, não é uma decisão apenas do jogador; são práticas habituais e padronizadas e, por isso mesmo, compõem um repertório para escolha ou uma matriz de possibilidades convencionais, em uma determinada sociedade.

Ao dizer que foi um cartão bobo, o jogador busca desqualificar o cartão e, de alguma forma, reconhece que o cartão foi desnecessário, mas, novamente, busca proteger a sua face e



dizer que não teve a intenção de tirar a bola do goleiro e, ainda, ao dizer que sua fala pode ser confirmada pela imagem do jogo, é a tentativa de utilizar a voz do outro para dar crédito a sua fala. Em nenhum momento o jogador assume o erro e se desculpa; ele reconhece o erro, mas não assume a culpa.

Foi um cartão bobo sim, mas em nenhum momento eu tive intenção de parar o goleiro, nenhum momento tive intenção de tirar a bola dele. Se repararmos a imagem, eu estou numa reta e aí ele sai da dele e vem pra minha e se choca comigo. Depois, a bola cai, eu chuto, e é uma outra situação, é um erro. De repente, se eu não tivesse chutado, o juiz não teria me dado cartão amarelo.  
(SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

Ao confirmar que voltar para a seleção brasileira e disputar uma copa do mundo representa para ele dar a volta por cima, o jogador assume as dificuldades enfrentadas e, dessa forma, demonstra seu interesse em indicar superação. Ele também demonstra uma ligação com a religiosidade, comum na população brasileira, quando diz que, se Deus quiser, o Brasil se classifica para a Copa do Mundo da Rússia, e ele disputará para ser campeão. Ele também indica o peso que a Rússia tem para a carreira dele, pois ele iniciou o reconhecimento como jogador lá e, assim, destaca, de certa forma, um lado supersticioso, também bastante comum no Brasil.

Dá algumas né? Se Deus quiser, com a classificação pra Copa do Mundo, voltar à Rússia para o Mundial e, porque não, ser campeão lá onde praticamente tudo começou na minha vida?(SITE GLOBO ESPORTE, 2016)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar as tentativas do jogador em proteger a sua própria face, é válido pontuar que a face não é algo que depende apenas dele, entretanto, ele busca agir, estrategicamente, sobre o outro, para alcançar seus objetivos; nesse caso, acreditamos que busca mostrar a eficiência do jogador e amenizar os erros ressaltados, especialmente, pela mídia e, dessa forma, construir um *ethos* de jogador eficiente.

É necessário pontuar que o jogador busca proteger sua face das acusações, especialmente, aquelas veiculadas na mídia, mostrar-se uma pessoa comum, transparecer seus



sentimentos e tocar o público pela emoção. Observamos, ainda, uma tentativa de demonstrar humanidade e sinceridade com o propósito de ter adesão ao discurso.

Observamos que Thiago Silva admite alguns erros, porém, ressalta que não tem culpa sobre as situações ruins de sua carreira e acreditamos que fica, de algum modo, claro o trabalho de face pontuado por Goffman.

Em resumo, podemos dizer que o jogador busca construir uma face positiva de si, com o propósito de atrair o público e, especialmente, o público ligado ao futebol, para o qual ele objetiva responder algumas questões levantadas, especialmente, pela mídia, que, possivelmente, o deixaram de fora da seleção. Assim, entendemos que ele ambiciona se manter na seleção brasileira até a próxima Copa do Mundo. Portanto, ele utiliza a mídia para responder questões levantadas pela própria mídia e, dessa forma, busca construir uma face positiva de si para alcançar os objetivos desejados.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte retórica. A arte poética**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1964.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

GOFFMAN, E Erving. **La mise em scène de laviequotidienne: lesrelations em public**. v. 2. Paris: Leséditions de minuit, 1973.

SITE GLOBO ESPORTE. Entrevista Disponível em:  
<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2016/09/thiago-silva-se-emociona-com-volta-selecao-e-diz-nao-pensar-em-dunga.html>. Acesso em 12/10/2016.